ANNO 8.º — Sexta-feira, 14 de Janeiro de 1916 — NUMERO 404

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

UM SUDARIO

Subsidios para a historia dos "cincoenta anos de vida publica,, do reaccionario Manuel Firmino

Uma vergonha e uma desconsideração á parte liberal e independente da cidade se a Companhia dos Caminhos de Ferro se não mantiver superior ás maquinações que se estão pondo em prática para que seja colocado o seu retrato ao lado do de José Estevam

ABAIXO A AFRONTA!

Para que a ninguem ofereça duvidas o que temos dito e tencionâmos ainda dizer á cêrca dos *cincoenta anos de vida publica* de Manuel Firmino de Almeida Maia, que tão indignamente caluniou José Estevam no orgão da casa, trasladâmos para as colunas do *Democrata* uma certidão que já viu a luz da publicidade em 1888 e que, sem mais preambulos, é do teor seguinte:

CERTIDÃO

Antonio Augusto Duarte Silva, escrivão do terceiro oficio no juizo de direito da comarca de Aveiro, tabelião publico de notas, escrivão privativo do tribunal do comercio de primeira instancia na mesma cidade e comarca, etc., por Sua Magestade Fidelissima El-Rei:

Certifico que em meu poder e cartorio se acham arquivados vinte e seis livros de registo de protestos de letra, e neles se acham registados os seguintes protestos feitos contra Manuel Firmino de Almeida Maia, casado, proprietario, desta cidade de Aveiro:

Protesto duma letra dum conto oitocentos e setenta mil reis, assinada por Manuel Firmino e mulher, feito em vinte e sete de Maio de mil oitocentos e sessenta e oito. A resposta dada por aquele foi a seguinte: **Que a falta de entregas de dinheiro que tinham a cobrar, motivavam a falta do pagamento da letra.** Foi apresentante desta letra João Tavares Avelino, de Aveiro.

Protesto duma letra dum conto novecentos e oitenta e cinco mil quatro centos e noventa reis assinada por Manuel Firmino e mulher Dona Maria de Arrabida de Vilhena de Almeida Maia, feito em vinte e quatro de Julho de mil oitocentos sessenta e nove a requerimento de Antonio Pereira da Cruz, de Aveiro. **Que não pagavam por não ter fundos.**

Protesto duma letra de cento e vinte e sete mil tresentos e vinte e cinco reis assinada por Manuel Firmino, feito em trinta de Setembro de mil oitocentos e setenta e oito a requerimento de Antonio Pereira Junior, de Aveiro, por parte da tesouraria da Imprensa Nacional. A resposta daquele Firmino foi a seguinte: **Que não pagava porque lhe tinham faltado dinheiros com que contava.**

Protesto doutra letra de cento e vinte e sete mil e tresentos vinte e cinco reis assinada por Manuel Firmino, e feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, de Aveiro, por parte de Moura Borges & Companhia, a quem o tesoureiro da Imprensa Nacional endossou a mesma letra. Esse protesto tem a data de vinte e nove de Março de mil oitocentos e setenta e nove, e a resposta de Manuel Firmino foi esta: **Que não pagava naquéla data a letra, porque circunstancias que a boa vontade não vence o impediam totalmente de o fazer.**

Protesto duma letra de cento e trinta e cinco mil reis, não assinada por Manuel Firmino, que declarou **que a não aceitava, porque a não aceitava** sem dar outra razão. Esse protesto tem a data de dezesete de Julho de mil oitocentos setenta e nove a requerimento de Norberto Ferreira Vidal.

Protesto duma letra de cento e trinta e cinco mil reis, datado de dezesete de Julho de mil oitocentos e setenta e nove, a requerimento de Norberto Ferreira Vidal. A resposta do sacado Manuel Firmino foi **que não pagava a importancia da letra por não estar habilitado a faze-lo: no entanto não se conformava com o modo de exigir uma divida destas, e só o achava regular entre comerciantes, que ele não era.**

Protesto duma letra de sessenta e sete mil e sete centos reis, aceite por Manuel Firmino, datado de trinta de Setembro de mil oitocentos e oitenta, feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, de Aveiro. A resposta do aceitante foi a seguinte: **que não podia efectuar naquéla data o pagamento da letra.**

Protesto doutra letra de dois contos de reis assinada por Manuel Firmino, feito em um de Outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. **Que a não pagava por falta de fundos.**

Protesto duma letra de quatro centos mil reis assinada pelo referido Manuel Firmino, feito em trinta de Outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. **Não deu resposta.**

Protesto duma letra dum conto e seiscentos mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em trinta de Outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. **Aquele devedor não deu resposta.**

Protesto doutra letra da quantia de seiscentos mil reis assinada pelo referido Manuel Firmino, protesto que foi feito em trinta de Junho de mil oitocentos oitenta e um a requerimento de Agostinho Pinheiro & Companhia, desta cidade. A resposta dada por aquele individuo foi a seguinte: **Que não pagava a letra em Aveiro por já ter ordenado o seu pagamento em Lisboa.**

Protesto duma letra da importancia de cento trinta e dois mil e duzentos reis, feito em cinco de Setembro de mil oitocentos oitenta e um a requerimento de Antonio Pereira Junior, desta cidade. A resposta do sacado Manuel Firmino foi **que não lhe tendo sido apresentada a letra, e tendo-a o apresentante levado a protesto antes de cumprir essa formalidade, faltando assim a um dever essencial nestes casos, por isso déra ordem para a letra ser paga em Lisboa, razão porque não aceitava o saque em Aveiro.**

Protesto desta ultima letra por falta de pagamento, feito em vinte de Setembro de mil oitocentos oitenta e um a requerimento deste ultimo apresentante. A resposta foi a seguinte: **Que não pagava a letra em Aveiro por já ter ordenado que éla fosse satisfeita em Lisboa.**

Puotesto duma letra da quantia de trinta mil reis, feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, désta cidade, em dez de Fevereiro de mil oitocentos e oitenta e dois. A resposta do sacado Manuel Firmino foi **que não aceitava o saque por isso que já déra ordem para que a sua importancia fosse paga no Porto.**

Protesto da mesma letra por falta de pagamento, feito em dezoito de Fevereiro de mil oitocentos e oitenta e dois. A resposta foi a seguinte: **que a não pagava por a ter mandado satisfazer no Porto.**

Protesto duma letra de cento trinta e seis mil e quinhentos reis, feito no primeiro de Maio de mil oitocentos e oitenta e dois, a requerimento de Antonio Pereira Junior, désta cidade. A resposta do sacado Manuel Firmino foi **que não aceitava o saque por ter dado ordem para a sua importancia ser paga em Lisboa.**

Protesto duma letra de cento trinta e quatro mil oitocentos e setenta e seis reis, feito em nove de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois a requerimento de José dos Santos Gamèlas, desta cidade, por parte de Bento Fernandes Albino. A resposta do sacado Manuel Firmino foi a seguinte: **Que não aceitava o saque porque não devia a conta que se pedia na letra, nem reconhecia o direito de tal exigencia nem por tal meio.**

Protesto por falta de pagamento desta ultima letra, feito em vinte e tres de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois, a requerimento do ultimo apresentante acima mencionado, dando o sacado a mesma resposta.

Protesto duma letra da quantia de setecentos mil e setecentos reis assinada por Manuel Firmino, feito em trinta de Dezembro de mil oitocentos oitenta e dois a requerimento de João Pedro Soares, desta cidade. A resposta dada por aquele aceitante foi a seguinte: **Que tendo a letra a clausula de ser paga em Lisboa, foi para ali que se dirigira ao sacador Luiz Nunes Borges de Carvalho.**

Protesto duma letra da importancia de cento vinte cinco mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em vinte e seis de Junho de mil oitocentos oitenta e tres a requerimento de Antonio Pereira Junior, desta cidade. Aquele aceitante respondeu **que não pagava a letra por não ter recebido umas quantias com que contava naquéla data.**

Protesto duma outra letra da terra da importancia de cento e oitenta mil oitocentos setenta e cinco reis assinada por Manuel Firmino de Almeida Maia, celebrado em cinco de Julho de mil oito centos oitenta e tres a requerimento do referido Pereira Junior, dando o aceitante a mesma resposta que no anterior protesto.

Protesto doutra letra de cincoenta e seis mil cento noventa e nove reis, feito em doze de Maio de mil oitocentos oitenta e quatro a requerimento de Antonio Pereira Junior, désta cidade. A resposta do sacado Manuel Firmino foi a seguinte: **Que não aceitava a letra porque não conhecia os sacadores Mendes Pereira & Carneiro, do Porto, nem nunca com eles tivéra contas.**

Protesto por falta de pagamento desta ultima letra, celebrado em quinze de Maio de mil oitocentos oitenta e quatro a requerimento do mesmo apresentante, dando o sacado identica razão.

Protesto duma letra de trezentos mil reis assinada por Manuel Firmino de Almeida Maia, celebrado em treze de Setembro de mil oitocentos oitenta e quatro a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. A resposta que aquele aceitante deu, foi **que não pagava a letra naquéla ocasião por lhe não ser possivel.**

Protesto doutra letra da terra de setenta e cinco mil reis assinada pelo indicado Manuel Firmino, feito em vinte e nove de Agosto de mil oitocentos oitenta e cinco a requerimento de Norberto Ferreira Vidal, por parte do Banco Aliança. A resposta que aquele aceitante deu foi **que não pagava a importancia da letra, por isso que a fabrica de papel de Vale-Maior, propriedade dos sacadores Henry Burnay & Companhia, lhe era devedora de quantia superior á da letra, e por consequencia ainda tinha a receber dinheiro.**

Protesto duma letra da terra da importancia de quinhentos mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em sete de Setembro de mil oitocentos oitenta e cinco a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. Não foi encontrado o aceitante, e intimado na pessoa de seu genro o bacharel José Maria Barboza de Magalhães, este respondeu que seu sogro havia partido para as Caldas de Vizela sem lhe deixar ordem alguma sobre a letra, e por isso a não pagava.

Protesto duma letra de cento e quatorze mil trezentos e cincoenta reis assinada por Manuel Firmino, feito em trinta de Setembro de mil oito centos oitenta e cinco a requerimento de Augusto Cezar de Almeida Pinto de Souza, desta cidade. Deu-se o mesmo caso que no antecedente.

Protesto duma letra de cento e sete mil quinhentos e setenta reis assinada por Manuel Firmino, feito em vinte de Outubro de mil oitocentos oitenta e cindo a requerimento de Antonio Pereira Junior, désta cidade; e estando o aceitante ausente, foi intimado na pessoa de sua mulher Dona Maria de Arrabida Vilhena de Almeida Maia, a qual respondeu que o marido nenhuma ordem lhe havia deixado sobre a letra por isso a não pagava.

Protesto duma letra de setenta e um mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em vinte e sete de Outubro de mil oitocentos oitenta e cinco a requerimento de Norberto Ferreira Vidal, desta cidade de Aveiro. A resposta que aquele aceitante deu foi a seguinte: **Que não pagava a letra, cuja importancia provinha de papel fornecido pela fabrica de Vale-Maior, porque esta lhe era devedora do importe dumas cordas que para éla tinha fornecido.**

Protesto duma letra de cento e quinze mil quatro centos e cincoenta reis assinada por Manuel Firmino, feito em trinta de Dezembro de mil oitocentos oitenta e cinco a requerimento de Dona Eugenia Adelaide Carvalho, désta cidade. A resposta que aquele aceitante deu foi esta: **Que era aceitante de favor e competindo o pagamento da letra aos sacadores Fernando de Vilhena e mulher, por isso a não pagava.**

Protesto duma letra de noventa mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em vinte cinco de Janeiro de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento de Antonio Pereira Junior, désta cidade. Eis a resposta que o aceitante deu: **Que não podia pagar naquéla data a letra por lhe terem faltado os fundos com que contava.**

Protesto duma letra na importancia de dez mil cento e trinta reis, feito em vinte de Março de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento do aludido Pereira Junior, desta cidade. A resposta dada pelo sacado Manuel Firmino foi a seguinte: **Que não aceitava a letra porque já tinha pago a sua importancia ao sacador José Antonio Ribeiro, do Porto.**

Protesto duma letra de duzentos e setenta mil reis assinada por Manuel Firmino de Almeida Maia, feito em vinte e quatro de Março de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento dos herdeiros de Onofre Pereira dos Santos, de Sangalhos. A resposta daquele aceitante foi: **Que não pagava porque não reconhecia obrigação de o fazer, visto que ha muitos anos saldára contas com o padre Onofre.**

Protesto duma letra de cento trinta e seis mil e cincoenta reis assinada por Manuel Firmino, feito em quatro de Novembro de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento de Augusto Cezar de Almeida Pinto de Souza, de Aveiro. A resposta que o aceitante deu foi a seguinte: **Que sendo de favor, era aos sacadores seu filho e nora Fernando de Vilhena e Dona Emilia da Cunha Pereira de Vilhena a quem cumpria esse pagamento da letra.**

Protesto duma letra de dois contos de reis assinada por Manuel Firmino de Almeida Maia e mulher, feito em dezesete de Novembro de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento de Antonio Evaristo de Souza, de Aveiro. A resposta que aqueles déram foi a seguinte: **Que não pagavam a letra por lhes terem faltado uns fundos com que contavam.**

Protesto de trezentos cincoenta e seis mil oitocentos e oitenta reis, feito em treze de Junho de mil oitocentos oitenta e sete a requerimento de Antonio Pereira Junior, por parte de Manuel Pereira Penna & Companhia, a quem endossou João de Souza Pinto, do Porto. A resposta do sacado Manuel Firmino foi: **Que não aceitava nem pagava a sobredita letra** sem dar outra razão.

Protesto duma letra de trezentos mil reis assinada por Manuel Firmino, feito em vinte oito de Junho de mil oitocentos oitenta e sete a requerimento de Ferreira & Tavares, de Albergaria-a-Velha. A

resposta daquele Manuel Firmino foi a seguinte: **Que não pagava a letra porque não era obrigado ao pagamento, como provaria pelos meios competentes.**

Não encontrei registado nos falados vinte e seis livros mais protesto algum contra Manuel Firmino de Almeida Maia.

Era assim a vida do homem que se pretende pôr em paralélo—sonho dourado da familia, que se tem servido de todos os estratagêmas para o conseguir infrutiferamente, até hoje—com a mais alta mentalidade portuguêsa do seculo passado; do homem que não teve outros méritos a não ser os que lhe provinham duma situação politica nada invejavel pelo gráu de subalternidade que desde o seu inicio a assinalou; do homem que por esse motivo se prestou ao degradante papel de disputar a José Estevam o diploma de deputado pela sua querida Aveiro, injuriando-o e difamando-o no *Camaleão;* do homem, emfim, que marcou todas as suas administrações com desconchavos tais, que lhe valeram o desprestigio, o aviltamento, a perda da popularidade que tinha grangeado á custa do seu feitio especial e que levavam os proprios correligionarios, como sucedeu, por exemplo, ao douto professor Elias Pereira, a colocar, ao assumir interinamente a presidencia da câmara, uma balisa no ponto onde principiavam as suas responsabilidades e outra onde elas acabavam.

Não; não póde ser.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, se é que a cidade de Aveiro lhe merece algum conceito, tem de considerar o que vai fazer antes de ornamentar a fachada do seu novo edificio com o retrato que não tem razão alguma de lá existir e é uma verdadeira afronta aos sentimentos liberais desta terra.

Só a familia do extinto regedor de Avanca poderia conceber uma tal ideia. Só a vaidade incomensuravel, a monomania dessa gente em elevar o homem que tão prenicioso foi ao concelho de Aveiro, em geral, querendo equipara-lo a José Estevam—suprema ignominia! — poderia arrancar á paz do tumulo, trazendo-o de novo para a discussão, o politico nefasto cuja cronica se acha espalhada por todos os jornais que se não submetiam ao degradante papel de receberem inspiração na Vera-Cruz.

Mas seja tudo o que eles quizérem. Contanto que um dia se não possa dizer que nós, republicanos e liberais, que *O Democrata*, com todos os seus pruridos de fidelidade aos principios que sempre defendeu, teve a fraquêsa de deixar enodoar a memoria do dilecto filho de Aveiro, quedando-se silencioso deante do triste confronto que se lhe prepara.

Isso é que não. Isso é que nunca.

CULTUAL

Foi novamente organisada na freguezia das Aradas a aasociação cultual, que é assim composta:

Presidente da Assembleia Geral

José Nunes da Ana

Direcção

Antonio Simões Sarrico, Manuel Nunes de Paiva e Manuel Marques da Silva.

A "QUESTÃO DE ESGUEIRA,,

Já depois de impresso o ultimo numero do *Democrata*, fomos informados de que o sr. administrador do concelho de Aveiro oficiára á Irmandade do Santissimo Sacramento de Esgueira, determinando-lhe que entregasse á Junta de Paroquia da mesma freguezia os objectos por esta corporação reclamados em seu oficio n.º 33, de 5 de agosto p.p., e que aqui publicámos.

A entrega não poude efectuar-se pelo facto do oficio do sr. Francisco Encarnação ter sido entregue, por engano, a um individuo que, além de presentemente se encontrar na Torreira, não é a pessoa que atualmente está exercendo as funções de juiz daquela irmandade.

Mas, desfeito o equivoco, deverá realisar-se dentro de bréves dias.

Tambem nos consta que vai ser reconduzido no cargo de regedor efectivo da freguezia de Esgueira o sr. José dos Santos Oliveira, cuja abrupta demissão, em outubro ultimo, era um dos motivos de desgosto de todos os republicanos da visinha freguezia.

Folgámos com que, deste modo, se vão sanando os atritos que traziam descontente a legião democratica de Esgueira e não podemos deixar de aplaudir o sr. dr. Eugenio Ribeiro e o sr. Francisco Encarnação por aquelas duas justissimas, justificadissimas e inadiaveis medidas.

Se é sempre assim que o sr. governador civil deste distrito tenciona fazer *politica nacional*, teremos o prazer de estar sempre ao lado de s. ex.ª para o aplaudir e, se preciso fôr, apoiar.

Querelas

Chega-nos aos ouvidos que contra o "Democrata,, vão ser instaurados processos por creaturas que se julgam por ele visadas.

Ai vão?

Pois andem lá com isso que cá os esperamos, dispostos, como sempre, a não hesitar perante as perseguições que nos movem para calar a Verdade.

TORPEZAS

Para desviar as atenções e assim poderem mais á vontade fazer o seu jogo, os quadrilheiros da Vera-Cruz alugaram aí um canudo donde principiaram a esguichar-nos lama misturada com borras de vinho, naturalmente persuadidos de que, atingindo o alvo, provocam a reacção.

Bôas contas deita o preto... Por muito amor que tenhâmos á nossa reputação ha infamias a que se não responde ou pela sua proveniencia ou porque elas revelem um tal poder de invenção que tentar desfaze-las sería o mesmo que iniciar uma viagem de aeroplano... á lua. De resto, por muito que se escreva com intuitos depreciativos a nosso respeito, os biltres não pódem dizer mais do que aquilo que malandros da mesma especie já tivéram a petulancia de espalhar, embora veladamente, como é proprio dos cobardes que fogem a todas as responsabilidades ou uzam da artimanha para não serem coagidos a provarem o que sabem préviamente ser uma falsidade.

A gente assim não respondemos; com adversarios desta natureza não queremos nada. Apareçam de cara doscoberta, e tenham a coragem daquilo a que se abalançam. Mas essa lealdade não a possue um bebedo. Não existe no pulha, no videirinho, no parasita. Essa lealdade é privilegio dos homens de bem, onde a corrupção não chega, e que para salvaguarda da propria dignidade não pódem descer a discutir com sicarios que na taberna perderam o ultimo vislumbre de pundonor.

Deviamos esta explicação ao numeroso publico que nos lê e aprecia.

BENEMERENCIA

Dos nossos presados amigos e assinantes, srs. Acacio Simões, atualmente residindo em Malange, Africa Ocidental e José Tavares da Silva, morador em Lisboa, recebemos, respectivamente, 2$15 e $50 para serem distribuidos pelos pobres do *Democrata* por ocasião da Festa da Familia, incumbencia de que nos desobrigámos, entregando a Eduarda Ferreira, da rua do Norte, $50; a Adelaide Vilaça, rua da Corredoura, $50; a Maria da Graça Neto, rua de S. Bartolomeu, $50; a Luiz dos Reis, rua de S. Martinho, $50; a Maria José Serralheira, rua das Barcas, $50 e a Justa Salgueiro, rua das Olarias, $15.

Em nome dos contemplados, os agradecimentos a que teem direito os generosos bemfeitores.

Selecção

O nosso colêga da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, noticía que o bispo de Coimbra está chamando á sua presença a um por um todos os padres da diocése que ele sabe terem mulher e filhos e a todos eles está ordenando o seu abandono imediato sob pena de grâves castigos. Um desses padres, porém, diz o referido confrade, respondeu ao bispo que jámais abandonaria a sua companheira e os seus filhos.

Quantos lhe seguirão e exemplo? Quantos terão a ombridade duma resposta tão nobre e digna como a do sacerdote, homem de coração, que se não quer confundir com a maioría dos seus colégas?

Vêr-se-á. Mas hão-de ser tão poucos...

FOTOGRAFIA RAMOS

A convite dos seus proprietarios, srs. José Nunes Ramos e João Ramos, visitámos ha dias este *atelier* recentemente montado na Rua de Ilhavo e em cujo vestibulo encontrámos expostos trabalhos dum alto valor artistico, como sejam provas executadas sobre sêda, procelana e platina, isto além de avultado numero de ampliações tudo disposto de fórma a merecer os elogios que, sem favor, somos obrigados, em nome da justiça, a dirigir aos dois aveirenses que tanto se teem aperfeiçoado na arte a que se dedicaram, rivalisando com as principais casas do genero espalhadas pelo país. E de como não alteramos a verdade, póde o publico certificar-se, indo ali vêr com os seus proprios olhos o que referimos, e que é nada para os meritos dos irmãos Ramos a quem antevemos um largo futuro se não esmurecerem e continuarem a aplicar a sua actividade, como até agora, na honrosa profissão que abraçaram e em que tanto se distinguem já, com honra para eles e não menos para a terra da sua naturalidade.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, **Praça Luís Cipriano.**

A incorporação no exercito e as inspecções de mancebos

Em tempo oportuno fizémo-nos éco da mania exploradora dos politicos *predialistas* cá do distrito... á sombra da junta inspeccionadora dos mancêbos para o exercito.

Pautava-se, em tempos da monarquia, o valor da politica pelo numero das isenções, chegando a haver politicos que se guindaram exclusivamente por isto ás culminancias de potentados...

Esses *potentados* criaram nas classes baixas sentimentos de culto e admiração por tantos *serviços prestados*... á Patria!

O horror á vida militar nessas classes não se desvaneceu ainda. E aproveitando-se deste horror, o *predealismo* continua a prometer isenções de mancêbos.

Nas passadas inspecções chegaram alguns monarquicos de Oliveira de Azemeis, Agueda e Cambra a alimentar a esperança de que o medico, por ser *unionista* e de Albergaria, os havia de favorecer!...

Não sucedeu asssim, por *honra dele e do exercito português*, porque essa comissão se houve, mórmente em Macieira de Cambra, por fórma a merecer só elogios. Não agradou á *talassaria* o gesto... e tratou logo de retirar da inspecção militar os mancêbos que mais protegia, afim de agora, em janeiro ou maio, os isentar no acto da incorporação em Aveiro!!!...

Neste sentido essa talassaria move-se, percorre distancias, aborda influentes, colégas e amigos do ilustre medico e funcionario recto, residentes por... aí.

Dizem-nos até que se alegam... parentescos para melhor se justificarem os *pedidos!...*

Esses mancêbos, evidentemente não teem defeitos da tabéla; porque se os tivéssem não os retiravam da inspecção. Alguns sabemos nós que fôram examinados por medicos que constataram não haver tais defeitos.

Sabido isto e que a inspecção era recta não podiam contar com o *favor* apetecido.

Em vista do exposto, que garantimos como verdadeiro, quando acabará este triste sintôma de corrução, que vexa não só quem péde, mas até os caratéres mais rectos e justos pela suspeita de favoritismo que avolumam?

A lei prescreve penas, e gràves, a aplicar áqueles que se empregam neste e em mistéres semelhantes; não poderão os nossos legisladores pôr côbro a semelhante pouca vergonha que continua a despatriotisar o povo português, quando a Patria exige todo o sacrificio, todo o amor e carinho?

Não acabará esta *propaganda* contra a *vida militar*, contra a desnacionalisação da alma do povo português?!

V., sr. redactor, que tem sido o pugnador valioso e decidido dos elevados principios e causas nobres, não deixe este assunto no esquecimento.

Nada nos move senão o sentimento patriotico de acabar com *isto*, de salvaguardar a moralidade do nosso exercito e dignificarnos.

Com este sentimento havemos de protestar sempre contra essa velha e nojenta exploração e *infame protecção* que alegam dispensar aos papalvos que *nêles* crêem e que *dêles* contam receber os prometidos favores!

Cambra, 5 | 1 | 916.

Nuno

N. da R.—Descance o nosso amigo que se acoberta com o pseudonimo de *Nuno* que enquanto fizer parte da junta militar de inspecção o capitão medico Rodrigues da Cruz e outros que com ele se ocuparam no serviço deste distrito, os réles politiqueiros, talassas ou republicanos, não conseguirão mais impôr a sua influencia á custa dos ignobeis contratos a que andavam acostumados, tão recto e impoluto é o caracter dos briosos militares.

Assim todos soubéssem cumprir os seus deveres.

Vida dificil

Num agravamento constante, que atinge já a vertigem duma desenfreada e criminosa ganancia, vamos indubitavelmente entrando num periodo de vida que, não nos enganaremos, prevendo para muito bréve uma situação não só gràve mas perigosa, muito perigosa mesmo.

Explorando ignobilmente, açambarcando criminosamente, traficando desumanamente, o caso é que se não passa um dia que não encareça um genero, que não subam de preço as mercadorias!

Eleva-se o preço á carne, ao arroz, ao assucar, ao queijo; o pão diminue de pêso, vendendo-se sem a mais leve fiscalisação; e todos, porfiando, encarecem a mercancia do seu negocio, a maior parte sem razão justificativa desse procedimento, mais do que o triste e inaceitavel argumento de que estando tudo caro, caro deverá estar aquilo que vendem.

Sabemos e podemos assegura-lo que é já aflitiva a situação de centenas de familias, que, vivendo apenas do produto do seu trabalho—que não encareceu—a manutenção da sua vida está sendo custeada pelo dobro da despêsa, apesar da redução até no alimento, da supressão de simples comodidades e regalias que antes da crise tinham tanto de salutares como de economicas.

Portugal pelas suas especiais circunstancias, implicando não só a riquêsa e abundancia do seu solo como ainda a sua propria situação geografica, sería dos poucos ou talvez o unico dos países onde os efeitos terriveis dessa luta medonhosamente horrorosa menos se faria sentir.

Para isso, porém, teriam de ser arrancados do nosso meio os miseraveis gananciosos que a troco dum lucro, garantindo-lhe um bom, embora que sordido, negocio, não vacilam um momento em ultima-lo.

Deviam ser expulsos quantos, como presentemente sucede, armazenam milhares de sácos de assucar, de arroz, de feijão esperando o momento em que a situação aflitiva, pela absoluta necessidade de um determinado genero em praça, lhe garanta maior dinheiro.

Dentro do nosso país estão açambarcados milhares de quintais de toda a especie de generos de primeira necessidade, revendo-se neles os miseraveis que antegozam o prazer do fabuloso lucro que hade resultar da sua criminosa e revoltante ganancia.

De verdade nada tem feito os poderes publicos para atenuar esta situação, que caminha, sem duvida, para um fim desastrado, que, no nosso entender e apesar da inerente complexidade, não é absolutamente impossivel modificar e profundamente.

Houve em Aveiro, como em toda a parte, as famosas comissões de subsistencias que se limitaram a umas tabélas que o favoritismo e outros factores cêdo alteraram e inutilisaram e por aí tudo ficou, gemendo quem geme, chorando quem chora.

Demorar-se-ha muito a situação, dentro desta calma aparente, com o respectivo descanço daqueles a quem cabe o indeclinavel dever de olhar por ela? Aqui, ali, além? Ou virão depois todas as panacêas quando fôr tarde e tiver explodido o desespero de quantos o frio e a fome torturam?

Oxalá não tenhâmos ainda de lamentar gràvss acontecimentos mercê da incuria com que tem sido tratado este assunto de capital importancia.

Opinião insuspeita

—=(*)=—

Sem comentários:

REPARAÇÃO

«Foram feitos mais os seguintes despachos:

Alfredo Cézar de Brito, fiel da estação da Guarda, e Julio Cézar Cabral, idem, de Aveiro, transferidos recipocramente.

Veem vindo. Hãode vir todos. O peior é que ninguem os indemnisa dos prejuizos moraes e materiaes que sofreram até agora. Entretanto a reparação, a reabilitação **a que tinham direito,** está feita.

Folga a moralidade e a justiça, dôa embora aos srs. Alfredo Pereira & Cybrão, da antiga, extinta e para sempre confundida confraria francacea.»

(*Camaleão*, n.º 6:008 de 2 de Novembro de 1910, segunda pagina.)

REPARAÇÃO

«Mais um: o sr. Antonio Dias Simões de Carvalho, 2.º aspirante dos correios e telegrafos, daqui transferido tambem para Coimbra, por motivo daquéla célebre sindicancia **que nem o legitimo direito de defêsa respeitou,** e que a Republica acaba de colocar no seu lugar. Muito bem. Já estão todos. **Foi dada plena satisfação á justiça ofendida.**

Os srs. Ernesto Levi e Leite Duarte não quizéram vir, aliaz tambem já cá estariam.»

(*Camaleão*, n.º 6:012 de 16 de Novembro de 1910, terceira pagina.)

Ainda está exercendo os logares de administrador do concelho e comissario de policia comolativamente com os de amanuense do governo civil e chefe da estatistica o sr. Francisco da Encarnação.

E' escandaloso. E' inaudito que o sr. Governador Civil não ponha côbro a este estado de coisas intoleravel num regimen republicano e contra o que continuamos a protestar em nome da moralidade ofendida.

Lembre-se, sr. Eugenio Ribeiro, que nem no tempo do franquismo foi possivel em Aveiro o que V. Ex.ª está tolerando.

Lá por cima

Noticiam os jornais da capital uma violenta scêna de pugilato, na terça-feira, á saída da câmara, entre dois deputados, que interviéram numa pendencia suscitada entre os srs. Melo Barreto e Artur Costa, conflito em virtude do qual esteve durante bastante tempo o largo das Côrtes em verdadeiro estado de sitio por ter comparecido a policia e a guarda republicana.

O mais curioso do caso é que tendo intervido o correio do sr. ministro dos estrangeiros para separar os contendores e sendo-lhe objectado que não o devia ter feito, logo o homem respondeu que fóra do parlamento qualquer deputado era um cidadão como qualquer carroceiro.

E não houve maneira de o convencer do contrário.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, **ao Rocio**

Uma representação

Anda na rua um abaixo assinado—*em nome da cidade de Aveiro!*—para ser colocado na estação ao lado do de José Estevam, o retrato de Manuel Firmino.

A familia deste celebre politico tendo incumbido de colher as assinaturas o oficial do registo civil em Vagos e um porteiro da repartição do governo civil, que, pelos favores recebidos de Barbosa de Magalhães, não pódem deixar de se prestar a essa missão, quer assim fazer vêr á Companhia que a cidade deseja admirar os dois vultos politicos no mesmo plano, visto ter fracassado a tentativa de levar o Senado Municipal e os representantes em côrtes, do distrito, a manifestarem-se unanimemente a favor dos seus projectos irrisorios, egualando as duas figuras que nada teem de comum entre si.

E' até onde póde chegar a audácia dos que na monarquia *representaram* todos os papeis politicos, e arquivam no *pastelão* da casa as mais ignobeis injurias contra o paladino das revindicações populares!

Quem assinará essa representação? Quem concordará em que ao lado do liberal José Estevam seja colocado o retrato do reaccionário Manuel Firmino? Quem? Muita gente? Pouca gente? Não temos ilusões a esse respeito: a independencia de caracter não é coisa que ande aí aos pontapés, nem é coisa que se coma, nem os medrosos, nem os pusilanimes, nem os arrangistas são creaturas que se prendam com essa *ninharia*. Ter independencia de caracter não é para toda a gente. Ter uma opinião, expo-la e defende-la, nem todos estão para esse *sacrificio*. Por isso não nos oferece a menor duvida que muitas assinaturas hão-de colher o oficial do registo civil em Vagos e o porteiro da repartição do governo civil para que a par do grande orador, que foi a gloria duma raça, seja colocada a figura do seu encarniçado inimigo, do seu maior detractor. Lá veremos—porque essas assinaturas, decérto, hão-de vir publicadas, para maior realce, no orgão *democratico* dos elogios á familia—os nomes de republicanos, de liberais, de ultramontanos e de reaccionários que ficarão a enquadrar o retrato de Manuel Firmino emquanto nós, de bem com a nossa consciencia, satisfeitos por termos cumprido um dever civico, mas com o coração magoado no seu amôr á terra que nos foi berço, do alto desta tribuna sacrosanta, onde a Verdade jámais foi atraiçoada, havemos de exclamar:

—Infeliz terra! Até já um simples porteiro de repartição é susceptivel de dispôr dos teus destinos!

Cumprimentos

Por ocasião do Natal e Ano Novo deu entrada nesta redacção uma imensidade de cartões de bôas festas, alguns procedentes do Brazil e Africa, que nos cumpre agradecer, desejando que todos os amigos a quem somos devedores de constantes gentilêsas tenham um novo ano prospero e feliz.

Museu de Aveiro

Na grande sala que o *Museu Regional*, fundado nesta cidade no antigo convento de Jezus após a proclamação da Republica, possue, realiza-se depois de ámanhã uma sessão de arte em que usará da palavra o sr. dr. Egas Moniz, contando-se ainda com outros elementos que devem imprimir á festa desusado brilhantismo.

REGISTANDO

Informam-nos que o sr. administrador do concelho ofendeu grávemente a lei, autorisando a realisação de festas sacras, depois do sol posto, como a chamada *missa do galo*, festas que, cobertas com a crença duma falsa religiosidade, serviram apenas para uma parada de forças monarquicas á qual compareceram todos os elementos afectos ao caído regimen, ao *pão de Santo Antonio* e á Senhora do Rosario, creações natas do extinto coio jesuitico que usava o nome de Colegio de Santa Joana.

Registâmos o facto como um sintôma do que se está passando entre nós até que acasião azada permita tratá-lo devidamente.

A "estupidez espessa,,

No panultimo numero do *orgão dos taberneiros*, lê-se:

Obrigados...

A' parte a modestia, nunca julgámos ter tanta importancia, tanto valor. Somos aí discutidos, o nosso *retrato* figura no orgão da *democracia indigena*, o nosso nome é apregoado todas as semanas como qualquer *ministro* e mais falado que o dum governador civil.

Evidentemente que *eles* não se preocupam a discutir o *Crispim* ou o *Zé da Nona*, tal qual nós, que não descemos a discutir e a apreciar *maduros, britos* e quejandos.

E nós a julgarmos que não eramos nada neste mundo.

Obrigados, oh *coisos*. Olhem que até o sr. Afonso Costa já perguntou quem eramos.

Continuem, porque ainda nos pódem elevar a governador civil. O réclame é tudo, e o que *vós* estaes fazendo á nossa pessôa, bate o *record* da publicidade.

E' pena faltar-vos a autoridade moral, se não...

E' a *estupidez espessa* a manifestar-se em toda a sua plenitude.

Porque continua Filinto Feio afastado do logar na administração que de direito lhe pertence? Porque o sr. Governador Civil assim o quer, o sr. Governador Civil que se diz democratico e portanto correligionario de Filinto Feio.

E' a paga dos serviços prestados ás instituições, sem alarde mas com decisão, pelo dedicado e incorruptivel republicano.

Infamia!

A censura

Uma carta enviada da Beira, Africa Oriental, em 27 de novembro do ano findo, chegou-nos ha dias com todos os indicios de ter sido aberta, trazendo colados os seguintes disticos—*Geopend door Censor* e *Opedred by Censor*—o primeiro na parte da frente do envelope e o segundo do outro lado.

Efeitos da guerra.

Notas mundanas

Realizou se sábado passado no Porto o enlace matrimonial da sr.ª D. Antonia Candida Ferreira, simpatica e prendada filha do sr. Pedro Augusto Ferreira e da sr.ª D. Elvira da Costa Ferreira, já falecida, com o sr. Jorge Leite Braga Varêta, filho do sr. Luiz Bernardino Carlos de Azevedo Varêta, importante industrial.

Depois do registo civil têve logar a cerimonia religiosa na igreja de Cedofeita, servindo de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e a sr.ª D. Lidia Medeiros Ferreira e por parte do noivo tambem seus estremosos pais.

Dentre a assistencia, que foi selecta e numerosa, viam-se as sr.as D. Ludovina Gamêlas e Costa, avó da noiva, D. Sofia Serpa Ferreira, D. Maria Henriqueta Viterbo Ferreira, D. Maria Eugenia Ferreira, D. Maria Serpa Ferreira, D. Maria Antonia Viterbo Ferreira, D. Maria Izabel Leite Braga Varêta, D. Ana Leite Braga Varêta, D. Eliza Pinto Varêta, D. Ana Teixeira, D. Antonia Carlos Pereira, e os srs. Jorge Ferreira, Antonio Bernardo Ferreira, Carlos Alberto dos Santos, Alvaro Augusto Ferreira, Francisco Ferreira de Lima por si e representando seu pai, o sr. Wenceslau de Lima, João Leite Reis, Francisco Wenceslau Ferreira, Guilherme Leite, etc., etc.

Muitas e valiosas prendas faziam parte da corbeille *da noiva, destacando-se, todavia, duas, que enviaram de Loanda, onde se encontram, os nossos presados amigos srs. Francisco Costa e José Moreira Freire, tios da joven nubente, representadas por um broche, estilo Luiz XV, com perolas e brilhantes e um tete á tete de prata com as iniciaes dos noivos.*

Á estes, que se acham na capital a passarem a lua de mel, *anelâmos um futuro repleto de felicidades.*

=Têve o seu bom sucesso, dando á luz um menino, a sr.ª D. Regina Pereira Soares, esposa do conceituado facultativo, sr. dr. Francisco Soares.

=Tem passado bastante encomodada em virtude dum parto dificil, a sr.ª D. Carolina Patoilo, esposa do sr. Antonio Simões Cruz, a quem no entanto felicitâmos pelo nascimento duma filhinha e visto estar livre de perigo.

=No dia 7 completou o primeiro aniversário o filhinho mais novo do sr. Amadeu Tavares Pinto.

=Fez egualmente anos no dia 10 o Afonsito, primogenito do sr. Antonio Felizardo.

=Déram-nos o prazer da sua visita os srs. Francisco Soares, professor de Cortegaça e Joã Carlos Moreira da Silva, digno secretário da administração do concelho de Mira.

A' matroca

Recebemos mais esta carta:

Meu caro Arnaldo

O Zé Bébes escreveu no ultimo numero do Correio *sob o titulo de* —No charco, sim—*qualquer coisa que acaba com o seguinte periodo:* O' Armando, traga-me uma penna e um aparo...

Quem é o Armando? O da Agencia? Naturalmente.

Então o Zé está na Agencia do Banco de Portugal a escrever para jornais e no fim ainda atira para a rua as pennas que a Agencia lhe fornece? E quem perguntasse por isto aos Directores?

Abraça-o, amigo Arnaldo, um acionista que se julga lesado

Quim

Os directores se quizérem ão é preciso que ninguem lhes chame a atenção para o desperdicio das pennas, dos aparos e do tempo que cértos empregados gastam em ocupações extranhas ao serviço a que são obrigados.

Basta abrirem os olhos...

Uma fita politica em Oliveira de Azemeis

BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

O grande intervalo havido no desenrolar da *fita* foi devido, não á falta de assunto porque este é longo e cada vez maior, graças á pantomina, mas a um desarranjo na maquina deste pequeno e insignificante escrevinhador. E ainda a culpa foi da influencia enorme dos grandes protogonistas desta baixa comedia. Eu conto.

Depois de ter lido o n.º 399 do *Democrata* adormeci e sonhei com o assunto do meu artigo ultimo. E vi Barbosa de Magalhães, dr. *Impedido*, um padre, um advogado e um escrivão aparecerem de subito no largo da Republica desta vila e aí constituirem um tribunal para julgamento dos republicanos que teem o vicio criminoso de dizer o que sentem.

Escondido atraz duma arvore do jardim Bento Carqueja espreitava as fisionomias de todo esse tribunal, aonde enxameavam testemunhas de caras esfomeadas, de linguas em escova e de unhas aduncas enterriçadas, e escutava os dizeres sentenciosos dos articulistas do processo.

Ouvi nitidamente a voz democratica do fundador do centro monarquico *Pimenta de Castro* deslisar entre flores de rétorica, de argumento em argumento e caír em golpes profundos e certeiros sobre os seus adversários, criminosos de velha data. A desforra da partida que lhe fizéram no advento da Republica foi completa e duma estrategia de Anibal. O seu discurso de arrancos á Peixoto foi uma beleza.

Escutei com atenção religiosa o discurso, nobre na fórma, correcto na terminologia e indistrutivel nas conclusões, em fina logica deduzidas, do jámais esquecido e com prazer lembrado Thiers portuguezatomico. Quem seguisse, como eu, palavra a palavra, gesto a gesto, premissa a premissa este discurso havia de ficar em entranhada convicção de que só uma alma sincéra o podia ditar. A suavidade da fráse deslisava encantadoramente qual ribeiro serpenteando por entre fresca e pujante relva. A argumentação apertava-se num blóco granitico onde cunha alguma podia jámais fazer penetrar a ponta da sua lingua. Não era o atomico Thiers que falava; era o organico Thiers que arrebatava. Entre um e outro havia a mais completa semelhança, faltando apenas para a identidade a modestía do trajo. O atomico Thiers era o verdadeiro francês envolto num *habit* feito num provinciano *tailleur* português. Até a lingua era afrancezada!

E tão embebido estava na sublimidade deste thiersiano discurso que que pouco e pouco e irreflectidamente fui pondo a cabeça de fóra, esquecendo-me de que sobre mim se apontava um dos réus que mais antipatías auferia das testemunhas e de todo esse corpo judicial. Ao saír, porém, o meu nome da boca do padre, ente bem conhecido pela modestía do seu trajar e pela doçura da sua meiga voz, nesse momento arvorado em oficial de deligencias, colei-me ao chão, estremeci de terror e... acordei.

Estava estendido no soalho do meu quarto e tiritava de frio. Um ataque de laringite foi a consequencia de tudo isto, foi a pena imposta por esse tribunal manuelino.

Eis o desarranjo na maquina que motivou este grande interregno. O caro leitor desculpará de cérto e eu, um pouco melhor volto já á cabine manivelando o desenrolar da *fita*.

* * *

Sobre o *écrain* londrino projectam-se, em cafila de medalhão, os vultos desta baixa comedia. Os srs. Barbosa de Magalhães, dr. *Impedido* e dr. Beleza destacam-se no meio da grande camarilha. Todo o publico admira esses tres vultos que concretisam em si toda a alma da peça.

De todos os lados se ouvem comentarios que são verdadeiras criticas de alto apreço, que são verdadeiros elogios. A plateia rejubila de contentamento e de admiração.

São de facto tres figurões que merecem dos seus correligionarios a jusiiça de os legar á posteridade, imortalisando-os pela habilidade dum cinzel artista no frontespicio de qualquer edificio publico. E como nesta ocasião se fala na construcção das cadeias da vila, bom era que os dirigentes do burgo não se poupassem a sacrificios para os colocar na frontaria desse edificio. Na nossa humilde opinião era nessa casa que eles deviam de futuro habitar. Aí é que eles estão bem.

E enquanto estes comentários faziam susurro e iam tomando vulto na plateia animada, no *écrain* figuras em destaque na politica presente e passada se chocavam num vai-vem constante. Era um movimento interessante pela multiplicidade de côres que se esfalfavam por alcançar uma simbiosa de exterioridades num arranjinho de interesses individuaes. E talvez tivéssem conseguido esse noivado de batuque, se um rapaz novo ainda, todo coberto de pó, esfalfado de longa viagem e de olhos em lagrimas, não aparecesse no meio desse turbilhão, empunhando um papel que oferecia aqui e além, a algum seu amigo que de pronto rabiscava aí o seu nome satisfazendo a contento o pedido desse pobre angariador. Alguem houve que ao principio o tomou por um comissionario pedindo esmola para a santa; mas em bréve se soube quem era esse pedinte e qual a esmola que implorava.

Era o sr. Esteves que pedia aos seus amigos que assinassem uma declaração para poder provar perante o ministro da Justiça que não era um monarquico, como tão falsa e propositadamente o haviam confessado e jurado republicanos velhos e novos, comissão municipal politica democratica e autoridade administrativa. Com esse documento tinha todas as esperanças de vêr no *Diario do Govêrno* mais um despacho anulando o que o tinha despachado oficial de deligencias. Tive pena dele então! E quasi que estive para cometer a ousadia de avançar até junto desse pobre desdespachado e dizer-lhe: basta de tanto trabalho, basta de tanto dispendio, basta de tantos sacrificios! Todo esse trabalho é inutil porque nada consegues. Rasga esse papel e não encomodes mais os teus amigos. Segue outra orientação e trilha outro caminho se queres ser ainda oficial de deligencias. Vai ter com o sr. dr. Anibal Beleza e pede-lhe que passe uma certidão em que afirme que tu não eras socio do centro monarquico que tentou fundar no tempo do Pimanta de Castro. Implora-lhe, ainda mesmo que de joelhos, essa certidão e vai então a Lisboa que tudo consegues. Quando chegares a essa cidade de *marmore* e de *granito* busca imediatamente o dr. *Impedido* e com ele procura o sr. Barbosa de Magalhães que, perante esse documento nascido da penna do seu nobre e muito querido correligionario Beleza, correrá ao gabinete do ministro dizer-lhe que tudo era falso, que te despache oficial de deligencias, que no dia seguinte no *Diario* dê o dito por não dito. E tu verás que o ministro, reflectindo um pouco, mandará para a Imprensa Nacional a seguinte nota:

Observando de novo os documentos do sr. Esteves, de Oliveira de Azemeis, candidato e nomeado já, por algumas horas, oficial de deligencias na referida comarca, encontrarem-se todos em ordem e dentro da legalidade, pelo que revogo o despacho da anulação, nomeando-o de novo e definitivamente para o mesmo lugar.

Era assim que devia ter feito o sr. Esteves. E todas as promessas feitas pelos drs. Barbosa de Magalhães e *Impedido* desapareciam como por encanto. Os outros pretendentes ficariam para outra vez. Era apenas o insignificante trabalho de lhes impingir ou aos seus padrinhos mais quatro tretas. E o sr. Esteves deve saber muito bem que para homens habituados aos salamaleques da politiquice esse trabalho é-lhes o pão nosso de cada momento. O sr. Esteves esqueceu-se de que *a vida é uma luta* e que o melhor caminho para a vitoria é a intrujice. E os nossos protogonistas desafiam os mais terriveis adversarios com um sorriso de tranquilidade e com um olhar da certeza na vitoria.

Lopes de Oilveira
(Medico)

Associação do Monte-pio

Datado de 31 do mez findo recebemos desta prestante colectividade um oficio em que nos é comunicado ter sido exarado na acta da sua sessão, realisada no dia anterior, um voto de agradecimento ao *Democrata* pelo oferecimento gratuito dos serviços de imprensa que acompanhou o memorandum deste jornal sobre os ultimos anuncios nele publicados sem remuneração alguma, o que é de uso fazer quando se trata de instituições de beneficencia.

As bombas do Pato

O correio acaba de nos trazer a seguinte carta:

... Sr. Redactor

Anda grande discussão, na imprensa e fóra dela, a respeito das bombas que, por mais duma vez, têm expludido junto da residencia do bemaventurado padre Pato, vigario da freguezia das Aradas.

As almas bem pensantes e tementes a Deus e á Santa Madre Igreja vêem no caso a obra perversa de detestaveis inimigos da Religião, perniciosamente incitados pelas hereticas doutrinas demagogicas, infelizmente agora tanto em voga, e desvairados pelas execrandas leituras da imprensa sem Deus nem Rei, ou quero dizer, lei.

Os outros, os que fazem gala do seu odio á Religião e aos seus veneraveis Ministros, pretendem, por evidente espirito de calunia, atribuir o lançamento das bombas ao proprio reverendo Pato!

Pois a verdade, sr. Redactor voulh'a eu dizer, no cumprimento dos divinos preceitos do Nazareno, que por ela morreu.

Mercê dum providencial concurso de circunstancias, no qual claramente se evidencia o dêdo da Providencia (que não consente que os bons sejam injustamente oprimidos e os máus fiquem triunfantes) sou eu o depositario fiel dessa verdade, que passo a expôr.

Em a noite em que se deu o nefando atentado contra a residencia do digno vigario das Aradas, estava eu, por volta das 19 horas e meia (estilo republicano) no quintal da minha residencia gratuita de Esgueira, contemplando, na companhia das minhas duas... creadas o espectaculo sublime do firmamento estrelado, no qual magnificentemente se revela o poder e a grandeza do Creador dos Mundos.

Eis senão quando a minha... creada mais nova, que tem bôa vista, me apontou uma luz frouxa que, vinda do norte, dos lados de Matadouços, deslisava vertiginosamente pelo céu!

Quedei-me surpreso. Que seria aquilo? Estrela cadente, não, porque não deixava após ela o menor rasto luminoso. Logo me lembrou que não podia deixar de ser um aeroplano, hipotese esta quasi imediatamente confirmada por uma especie de sumbir continuo que começou a chegar até nós e que era o ruido produzido pela rotação da helice do aparelho.

Que queris dizer aquilo, meu Deus?

Um aeroplano cruzando, de noite, o céu de Portugal! Cheios de assombro, eu e as minhas... creadas elevámos as nossas preces ao Salvador.

Mas já o aparelho pairava sobre nós, como que hesitando no seu vôo veloz. E uma massa escura, fendendo, com um silvo, os ares, veio caír no quintal da minha residencia, enterrando-se, a poucos passos de mim, num leirão de terra recentemente cavado.

Confesso que, apezar da minha reconhecida valentia, casmurrice e teimozia, o pavor me imobilisava. Todavia, pude observar que o aeroplano retomára a sua marcha e que agora corria, a grande altura, na direcção do sudoéste. O ruido da helice deixára, com a distancia, de se ouvir; mas via-se sempre a luzita frouxa deslizando pelo céu. Quando ia por umas alturas, que calculei aproximadamente deverem ser as das Aradas, moderou a marcha.

Quasi logo, porém, aproou ao nascente e, retomando o andamento acelerado, em bréve se sumiu nos céus do oriente.

Logo que o pasmo me consentiu a precisa liberdade de espirito, mandei buscar uma lanterna e, á luz dela, tratei de vêr o que fôra que caíra no quintal da minha residencia gratuita.

Era nem mais nem menos que uma grande bomba, pesando obra de meia arroba!

Dei imediatamente graças a Deus pelo feliz acaso que a fizéra caír sobre a terra cavada, evitando assim, providencialmente, que ela explo i se.

Em s, examinando-a me-

lhor, notei que tinha uns dizeres, que não entendi, numa lingua estrangeira, que me pareceu ser a alemã.

O meu espirito caía de assombro em assombro. Então, visto que a bomba era germanica, não se tratava de alguma nova partida dos meus perversos inimigos desta povoação... Sim... Os homens, além de serem germanofobos, não me consta que tenham aeroplanos. Mas que queria então aquilo dizer, meu Deus?

E passei uma noite mal dormida, rezando ao Senhor e fazendo conjecturas.

No dia seguinte, porém, ao saber que a residencia do veneravel padre Pato tinha sido egualmente alvejada, compreendi tudo; ligando os factos, interpretando as evoluções noturnas do aeroplano, vi claramente do que se tratava.

Fôra, nem mais nem menos que um reconhecimento dum aureplano alemão, cértamente vindo de Espanha, sobre o territorio de Portugal. Durante ele os alemães, para assinalarem a sua presença e fazerem-nos vêr, misericordiosamente, os perigos a que póde expôr-nos a nossa absurda simpatía pela causa condenada, herectica e maçonica dos aliados, lançaram algumas bombas, como aviso.

O que não compreendo é como os alvejados por elas fossemos eu e o reverendo Pato, pois que são bem sabidas as muitas simpatías que ambos nós nutrimos por sua magestade o imperador Guilherme, açoite de França herectica e divorciada da Santa Madre Igreja. Ou se deu um lamentavel equivoco, ou anda no caso a mão perversa dos demagogos, dos carbonarios, da *formiga branca*, tudo gente malvada e capaz de enganar o diabo, quanto mais os subditos fieis do Imperador da Alemanha...

E aqui tem, sr. Redactor, a verdade a respeito da ultima bomba lançada contra o veneravel Pato das Aradas.

Como testemunha do que afirmo, ponho desde já á disposição de quem a quizer examinar a bomba que, na mesma noite e quasi á mesma hora, caíu no quintal da minha residencia gratuita.

E que ninguem se admire de só eu e as minhas duas... creadas termos presenceado o caso.

A' hora a que ele se deu quasi toda a gente, por esta região, finda a faina diaria, está entregue a ocupação de ingerir a ceia e, por isso, quasi ninguem anda por fóra de casa.

Eis, sr. Redactor, a verdade sobre o discutido caso do bombardeamento do reverendo Pato das Aradas.

E erguendo ao Altissimo fervorosas preces para que tetrico caso se não repita e impetrando sobre nós, e em especial sobre vós, o auxilio da graça divina, tenho a honra de me assinar

vosso humilde irmão em
Nosso Senhor Jesus Cristo

Esgueira, 12 | 1 | 916.

P. Gil

Será cérto o que esta carta nos diz? Não sabemos, mas é muito provavel e, na duvida, submetemo-la ao esclarecido criterio dos nossos leitores.

S. GOÇALINHO

Teve festa rija, este ano, na sua historica capéla do bairro piscatorio, o santo casamenteiro das velhas, tendo vindo abrilhantar o arraial da vespera á noite a reputada banda de S. Tiago de Riba Ul, que alternadamente tocou com a filarmonica José Estevam, desta cidade.

No domingo de tarde houve o costumado arremeço de cavacas da platibanda da capéla, com que os devotos se comprazem em mimosear o rapazío, rindo o publico a bom rir das scênas a que obriga a tradicional brincadeira.

Necrología

Chega-nos a noticia de ter falecido em Castanheira da Pera, o inteligente professor, sr. Manuel Ferreira Borralho Junior, filho do considerado lavrador de Arada, sr. Manuel Ferreira Borralho.

Tinha apenas 26 anos.

A' inconsolavel viuva, a seus pais e restante familia os nossos pêsames.

ANUNCIOS

Concurso

O cidadão Albino Nunes Cordeiro, vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Anadia:

Faço público que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, para o provimento do logar de chefe de secretaría desta Câmara, com o vencimento anual de 400$00 e mais proventos que por lei lhe competirem.

Os concorrentes devem apresentar, até ás 16 horas do ultimo dia do referido praso, na secretaría da mesma Câmara, os seus requerimentos, devidamente instruidos com os documentos legais.

Anadia e Secretaría da Câmara Municipal, em 27 de Dezembro de 1915.

O vice-presidente
Albino Nunes Cordeiro